



## XVII JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa, 23 a 25 de outubro de 2019

### DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM: UM OLHAR SOBRE A DISGRAFIA

Aline Mainardes de Oliveira<sup>1</sup>

Lília Schainiuka Heil<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a analisar a Disgrafia, um distúrbio de aprendizagem que está ligado diretamente a uma dificuldade no que tange a qualidade na grafia. O objetivo desse estudo é refletir sobre os transtornos de aprendizagem no contexto escolar, caracterizando a Disgrafia, sua identificação e estratégias de ensino-aprendizagem diferenciadas para o aluno digráfico. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, embasada, principalmente, nos autores: SAMPAIO (2016), CARDOSO E CAPELLINI (2017), OLIVIER (2019), dentre outros. Com os estudos, constatou-se que a Disgrafia necessita de identificação, encaminhamentos a profissionais que possam auxiliar o aluno.

**Palavras-chave:** Distúrbio. Escrita. Disgrafia. Aprendizagem.

#### Introdução

A linguagem escrita é de extrema relevância na sociedade, utilizada basicamente, em escala mundial e muito útil para a comunicação, bem como a socialização. Todavia, há alguns indivíduos que possuem um distúrbio de aprendizagem, que se chama Disgrafia, transtorno que está ligado diretamente a uma dificuldade no que tange a qualidade na grafia do indivíduo.

Etimologicamente, disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (Torres & Fernández, 2001, p. 127). Desta forma, entende-se que Disgrafia está ligada diretamente a funções que impedem uma qualidade na grafia do indivíduo.

O interesse da pesquisadora pela temática voltada ao olhar sobre a Disgrafia se deu por motivos ligados a sua infância, concernentes a sua escolarização, pois era motivo de riso diante de seus colegas por não possuir um traçado considerado esteticamente bom e bonito pelos demais. Anos seguintes, após a sua saída da educação básica, entrou em uma Licenciatura e deparou-se no decorrer do curso com alguns transtornos específicos da aprendizagem, mais especificamente a Disgrafia. Ao descobrir que esta estava ligada ao traçado imperfeito da letra, solidarizou-se com o transtorno por possuir semelhanças com a sua dificuldade em escrever com uma letra considerada “normal e bonita” pela sociedade. Embora a pesquisadora não seja considerada digráfica, a equivalência do transtorno com sua vida a instigou a descobrir mais sobre esse transtorno.

#### Objetivos:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os transtornos de aprendizagem no contexto escolar, caracterizando a Disgrafia, sua identificação e estratégias de ensino-aprendizagem diferenciadas para o aluno digráfico.

#### Metodologia

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia, Faculdade Sant’Ana, [alinemaioliveira@gmail.com](mailto:alinemaioliveira@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Letras, Faculdade Sant’Ana, [liliadebas11@gmail.com](mailto:liliadebas11@gmail.com)

A fim de atingir tais objetivos, definiu-se a metodologia que norteou essa pesquisa. A natureza trabalhada definiu-se como Básica, pois objetivou gerar novos conhecimentos, todavia sem aplicações práticas. No que tange aos objetivos, determinou-se a pesquisa exploratória, pois segundo GIL (2002), essa, consiste na maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito. Em relação à abordagem, é de cunho qualitativo, uma vez que, preocupou-se em exprimir e aprofundar os conhecimentos concernentes à Disgrafia, porém sem quantificar números nem submetê-los a provas de fatos. Assim:

Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a se investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 16)

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa classifica-se como Bibliográfica, pois de acordo com Fonseca (2002), essa é feita a partir de levantamentos de referências teóricas já analisadas e publicadas. Nesse caso, as principais obras consultadas foram dos autores: SAMPAIO (2016), CARDOSO E CAPELLINI (2017), OLIVIER (2019), dentre outros.

### **Resultados/Resultados parciais e discussão**

De acordo com o DSM - 5 (Diagnostic and Statistical Manual - 5th), a Disgrafia é conceituada como um “distúrbio de aprendizagem específico com deficiência na expressão escrita”. Ou seja, ela está diretamente e especificamente relacionada com a irregularidade na grafia do indivíduo.

Sabe-se que crianças no início de sua escolarização apresentam dificuldades no que tange a sua escrita, uma vez que, ainda estão iniciando a sua trajetória no mundo da grafia, podendo então ocasionar uma confusão para identificar quais de fato são digitágrafos. Bastos, por sua vez, nos indica fatores que podem corroborar na identificação dos mesmos:

A pessoa disgráfica apresenta também uma série de outros sinais que dificultam o desenho das letras, e que por sua vez também causa esse tipo de problema. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta do material a ser utilizado, que inclui a forma de segurar o lápis, a pressão insuficiente sobre o papel, e também um ritmo muito lento ou excessivamente rápido. (BASTOS, 2013. p.1)

Sendo assim, faz-se necessário um olhar atento por parte dos profissionais de educação para perceber esses sinais nas crianças que apresentem alguma dificuldade em sua caligrafia.

Almeida (2010) relata alguns sinais nos escritos de uma criança que se observados vários entre estes, pode ser vestígios de que se trata de um digitágrafo, tais como: letras colocadas uma sobre as outras; grandes espaços em branco, com empelotamentos nas letras; força exagerada, chegando a marcar outras páginas do caderno; traços descontrolados, letras que dançam nas linhas; inversão de letras (escrita em espelho), situações essas que podem ser observadas já nos primeiros anos de alfabetização por parte de um profissional atento, ou que já estudou algo nessa área.

Olivier (2019 p.66) nos apresenta algumas classificações na tipologia da Disgrafia: “Posso afirmar que há um tipo de Disgrafia causado por lesão ou comprometimento na área do lobo frontal, outro tipo causado por lesão ou comprometimento no lobo parietal”.

A autora aponta também, outras duas formas de classificá-la: Disgrafia Motora e Disgrafia Perceptiva. A primeira também conhecida como discaligrafia, na qual a criança ou adolescente apresenta dificuldades na coordenação motora fina para escrever palavras, letras e números. Embora ele (a) consiga ver e entender a figura gráfica, não consegue realizar os movimentos corretos para escrever. Olivier (2019 p.67) completa: “Neste caso não se trata de não reconhecer a letra, o indivíduo pode até reconhecer as letras em um quadro ou livro, mas não encontrará forma de reproduzi-las”.

Sobre a segunda classificação, Olivier (2019 p.67) explica: “Disgrafia Perceptiva, onde a criança ou o adolescente não consegue relacionar o sistema simbólico e as grafias que representam os sons, as palavras e as frases.” Ou seja, a criança não consegue transcrever o que realmente quer dizer.

CARDOSO E CAPPELLINI (2017 p.15) relatam que “antes de pensar na escrita propriamente dita, faz-se necessário adequar três pontos básicos, que são pré-requisitos para uma boa qualidade de escrita”. São eles:

1. Postura corporal: deve-se haver uma postura corporal que favoreça uma boa mobilidade das articulações dos membros superiores, como por exemplo, as costas devem estar bem apoiadas no encosto, e esse, deve ser adequado ao tamanho do indivíduo, além de que os pés estejam apoiados de forma que os joelhos e tornozelos fiquem em um ângulo de 90º.

2. A inclinação do papel sobre a mesa: 45º é a inclinação aceitável que o papel esteja ao escrever. Inclinações superiores a este grau podem prejudicar a postura dos membros, interferindo na mobilidade das articulações, afetando a qualidade da escrita.

3. O tipo de empunhadura do lápis: para escrever manualmente, faz-se necessário, um controle preciso dos dedos para sustentar e manipular o lápis. Sendo assim, entende-se que para uma escrita eficiente é preciso ajustes das articulações e a coordenação harmoniosa das contrações musculares.

Entende-se então que além de fatores motores, aspectos externos a eles influenciam na eficiência da grafia, por isso, a relevância do profissional da educação cobrar esses pontos dos seus educandos.

## **Considerações finais**

Percebeu-se que assim como os demais distúrbios de aprendizagem, a Disgrafia necessita de identificação, encaminhamentos a profissionais que possam auxiliar a criança e/ou adolescente em questão, como também profissionais dentro da escola que estejam atentos e participantes na vida escolar desse educando, propondo atividades que ajudem essa criança, mesmo com as suas limitações ao escrever para que se efetive o ensino/aprendizagem.

É necessário que todo o procedimento desde o aparecimento dos primeiros sinais até o encaminhamento seja realizado com cautela e afetividade, para que o educando sinta-se acolhido, e consequentemente, motivado para continuar sua trajetória escolar.

## **Referências**

OLIVIER, Anna Lou. Dislexia, Dislexia Adquirida e Disgrafia: como detectar, diferenciar, entender e tratar. 2019. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019. 109 p. ISBN 9788578544621

ALMEIDA, Maria; ALMEIDA, Amanda; ALMEIDA, Maikonn. Manual Para Tratamento de Disgrafia, Disortografia e Troca de Letras. 1. ed. São Paulo: Biblioteca24horas, 2010. 313 p. ISBN 9788578935368. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mJoyMX-3uyMC&pg=PA7&lpg=PA7&dq=letras+colocadas+umas+sobre+as+outras;+grandes+espa%C3%A7os+em+branco,+com+empelotamentos+nas+letras;+for%C3%A7a+exagerada,+chequando+a+marcar+outras+p%C3%A1ginas+do+caderno;+tra%C3%A7os+descontrolados,+letras+que+dan%C3%A7am+nas+linhas;&source=bl&ots=u9M8ElaC86&sig=ACfU3U1IzDHkJsAiMR74cxPRFosGwwIEKw&hl=pt%20BR&sa=X&ved=2ahUKEwjNx8a9oYrlAhWeGbkGHZEXDH0Q6AEwAXoECAgQAg#v=onepage&q=lettras%20colocadas%20umas%20sobre%20as%20outras%3B%20grandes%20espa%C3%A7os%20em%20branco%20com%20empelotamentos%20nas%20letras%3B%20for%C3%A7a%20exagerada%20chequando%20a%20marcar%20outras%20p%C3%A1ginas%20do%20caderno%3B%20tra%C3%A7os%20descontrolados%20letras%20que%20dan%C3%A7am%20nas%20linhas%3B&f=true> Acesso em: 4 ago. 2019.

BASTOS, Ana Carmen. Associação Portuguesa de pessoas com dificuldades de aprendizagem específicas - appdae, 2013.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. Dislexia, Disortografia e Disgrafia. Amadora: McGrawHill, 2001.

CARDOSO, Monique Herrera; CAPELLINI Simone Aparecida. Compreendendo os transtornos específicos de aprendizagem. 2017, ed. 1, Ribeirão Preto: Book Toy, 2017.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 2010, ed. 5, São Paulo: Atlas, 2010.